

# A *BUGONIA* NAS *GEOPÔNICAS* 15.2 E O TRATAMENTO DO MATERIAL TÉCNICO LATINO

## THE *BOUGONIA* IN THE *GEOPONICA* 15.2 AND THE HANDLING OF THE LATIN TECHNICAL MATTER

Liebert Abreu Muniz

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2534-2029>

[liebertmuniz@yahoo.com.br](mailto:liebertmuniz@yahoo.com.br)

### RESUMO

O tratado bizantino composto em 20 livros, as *Geopônicas*, oferece um conjunto de informações detalhadas sobre o procedimento conhecido no mundo clássico e tardio como *bugonia*, noutras palavras, uma espécie de folclore popular para o fenômeno de restauração de uma colmeia a partir de um boi morto. Dois textos antigos tratam da *bugonia* em mais detalhes: as *Geórgicas* de Virgílio, no Livro 4.284-318, e as *Geopônicas*, atribuídas a Cassiano Basso, no Livro 15.2; outros textos trazem menções pontuais, os mais conhecidos sendo os tratados de Varrão e Columela. O presente artigo pretende explorar os traços da *bugonia* no texto bizantino, analisando seus aspectos constitutivos, seus recursos composicionais, vocabulares, e o tratamento dado ao material da literatura técnica latina do período clássico, representados na tradição varroniana e virgiliana. As *Geopônicas*, a despeito das dúvidas quanto à sua autenticidade, são um importante testemunho de um interesse crescente, em meados dos séculos IX e X, em uma nova abordagem histórica da Antiguidade, a saber, de fazer compilações de saberes de autores diversos do mundo antigo. Nesse sentido, o tratado bizantino, escrito em grego, demonstra a ainda marcante associação – mesmo que em processo de adaptação escolástica – entre formas e temas técnicos, científicos, com formas e temas literários, marcas da herança do mundo clássico no mundo tardio. Essa associação, estranha para os modernos, influenciados pelo Romantismo do séc. XVIII, como observaram Perutelli (2010) e Trevizam (2014), constitui a intercomunicação entre as formas de pensar e de escrever natural dos textos antigos que versaram sobre alguma matéria técnica.

**Palavras-chave:** *Geopônicas*; *bugonia*; vocabulário técnico; composição.

### ABSTRACT

The Byzantine treatise composed of 20 books, the *Geoponica*, offers a set of detailed information about the procedure known in the classical and late world as *bougonia*, in other words, a kind of popular folklore for the phenomenon of restoring a beehive from a dead ox. Two ancient texts deal with *bougonia* in more details: Virgil's *Georgics*, in Book 4.284-318, and the *Geoponica*

attributed to Cassianus Bassus, in Book 15.2; other texts bring specific mentions, of which the best known are the treatises of Varro and Columella. This paper intends to explore the traces of *bougonia* in the Byzantine text, analyzing its constitutive aspects, its compositional and vocabulary resources, and the treatment given to material from the Latin technical literature of the classical period, represented in the varronian and virgilian traditions. The *Geoponica*, despite the doubts as to their authenticity, is an important testimony of a growing interest, in the middle of the 9th and 10th centuries, in a new historical approach to Antiquity, namely, to compile the knowledge of different authors from the ancient world. In this sense, the Byzantine treatise, written in Greek, demonstrates the still striking association – albeit in the process of scholastic adaptation – between technical and scientific forms and themes with literary forms and themes, marks of the legacy of the classical world in the late world. This association, strange for the moderns, influenced by the Romanticism of the 18th century, as observed by Perutelli (2010) and Trevizam (2014), constitutes the intercommunication between the natural ways of thinking and writing of ancient texts that proposed to deal with some technical matter.

**Keywords:** *Geoponica*; *bougonia*; technical vocabulary; composition.

## INTRODUÇÃO

Trevizam (2006) propõe uma reflexão sobre as caracterizações textuais da literatura técnica agrária latina, especificamente, em *De agri cultura* de Catão, em *De re rustica* de Varrão e nas *Geórgicas* de Virgílio. O traço temático, bem construído na caracterização textual, representa a marca fundamentalmente distintiva da poesia didática e da prosa técnica em relação a outras formas composicionais, em poesia e em prosa. Inserida em um conjunto de parâmetros e códigos – que podemos reconhecer na tradição –, uma obra técnica ou didática mobiliza entre seus participantes, autores e receptores, eixos temáticos, aspectos estruturais e preceituais que ajudam a deslindar o gênero composicional *per se*.

Hesíodo figura como o fundador da temática didática reconhecido por outros poetas do gênero (Nicandro, Lucrécio, Virgílio, Ovídio, Manílio), logo, figura como o fundador da poesia didática. Quanto à estrutura em prosa – a prosa técnica –, Trevizam (2014, p. 15-30) demonstra que a produção antiga, mormente a latina (Catão, Varrão, Vitruvius e Columela), foi uma manifestação mais expressiva dos textos técnicos, caracterizados pela natureza tratadista por discorrer sobre o campo ou sobre arquitetura, sem que isso resultasse em um estorvo à literariedade de uma prosa bem elaborada.

As *Geórgicas* de Virgílio provocam uma distensão que é, sobretudo, de natureza ideológica e filosófica. O aspecto temático, sem dúvida, é uma forte marca da participação do poema virgiliano no conjunto dos textos técnicos latinos ou da poesia didática, para ser mais exato. Suas distensões, por certo, conferem ao poema uma feição mais particular. Para voltar a Trevizam (2006, p. 181) – em relação ao conteúdo técnico de obras anteriores como as de Catão e Varrão –, o Virgílio das *Geórgicas*:

expandiu as reverberações de sentido associáveis a esse conteúdo através de substancial enriquecimento em vários aspectos constitutivos do poema. De fato, apesar da já mencionada presença de elementos vinculados a influxos ideológicos e à busca de alguma elaboração do texto (no caso de Varrão) no *De agri cultura* e no *De re rustica*, as *Geórgicas* representam o alcance de um grau de complexidade e ampliação de possibilidades expressivas que ultrapassa largamente o mero intento de informar, submetendo ao plano técnico fatores indicativos de sua assimilação pela cultura ou pelas interpretações de autores. Em outras palavras, parece-nos que Virgílio, a despeito da manutenção superficial da face de instrução técnica que caracterizava por excelência as obras de Catão e Varrão, deslocou a linha de força de constituição de sentidos em seu poema para planos identificados com o de questões de maior alcance, social ou filosoficamente pertinentes.

Trevizam identifica uma “face de instrução técnica” em Virgílio em meio a uma maior amplificação de sentido que alcança planos sociais ou filosóficos. Seja como for, o critério temático desempenha um papel primaz para a inserção das *Geórgicas* como um poema componente da literatura agrária latina. A discussão sobre como compreender a linguagem técnica em Virgílio é complexa e percorre a longa tradição virgiliana.<sup>1</sup>

Dois passos nas *Geórgicas* IV, v. 281-314 e v. 528-58, ocupam um lugar de destaque na tradição literária didática e técnica latina: trata-se do texto mais completo do mundo clássico que nos chegou sobre um fenômeno conhecido entre os antigos como *bugonia*. Tratei das *Geórgicas* IV e do referido fenômeno em minha tese de doutoramento (MUNIZ, 2017) pela teoria discursiva de Dominique Maingueneau: a apicultura se configura como o fio condutor do livro; a linguagem tratadista de preceitos permanece marcante; mas o aspecto artístico, sobretudo o métrico, pelo qual a enunciação se apresenta, é fortemente ampliado, valorizado. A linguagem é surpreendentemente militar, bélica, do início ao fim. O cotejo com diferentes textos antigos que tratam sobre abelhas, decerto, parece validar a sensação de que as *Geórgicas* IV são uma peça singular, não apenas em razão do estilo, mas também em razão das cenas de enunciação. Virgílio mobiliza o arcabouço cultural – vivo na memória discursiva dos leitores –, técnico e literário sobre o tema da apicultura, serve-se da linguagem de preceitos, encenando uma coletânea de saberes técnicos sobre o mesmo tema, e teatraliza essas duas instâncias por meio da poesia hexamétrica. Os paradoxos e as imagens míticas conduzem os receptores do poema por uma linguagem de preceitos que parece exceder os limites técnicos e alcançar uma instância militar e política. A real contribuição da cenografia discursiva nas *Geórgicas* IV é a de captar de que modo o processo comunicativo se institui, de que modo a palavra é tomada ou de que modo o discurso se apresenta. Nesse sentido, a descrição da *bugonia* em Virgílio foi a

<sup>1</sup> Para um apanhado geral, conferir Muniz (2017, p. 87-136).

melhor maneira encontrada pelo poeta de representar uma reestruturação da sociedade romana.

Noutro momento (MUNIZ, 2019), explorei a dimensão grotesca da *bugonia*. Grotesca na primeira descrição, sublime na segunda. Como um pêndulo que se movimenta em pontos opostos, as duas *bugonias* parecem convergir para uma cena de restauração. A representação grotesca e torpe da primeira *bugonia*, praticada no Egito, dá lugar a uma representação sublime (um sacrifício religioso e elevado sentido nas escolhas vocabulares) ou mítica da segunda *bugonia*. Aristeu é uma personagem que está empenhada na restauração de sua colmeia, e Otávio (um tipo de Aristeu na segunda *bugonia*) poderia igualmente representar uma personagem interessada na restauração de Roma.

Ao olhar para as *Geórgicas* e para a tradição técnica anterior, percorremos um caminho já mapeado e um ciclo de materiais já conhecido na prática de pesquisa e de textos técnicos antigos. Nosso olhar agora se volta para a descrição da *bugonia* em outro material que, à semelhança do poema virgiliano, faz uma descrição detalhada da *bugonia* e, por isso, figura como uma segunda fonte antiga do fenômeno; esse material são as *Geopônicas*, uma coletânea bizantina de 20 livros sobre o saber agrícola, especialmente o livro 15.2, dedicado ao cuidado das abelhas. Alguns traços didáticos e técnicos são marcantes na passagem do texto bizantino, o que demonstra a vinculação do texto à tradição técnica, de Virgílio, Varrão e Columela.

## 1. O TRATADO ENCICLOPÉDICO AS GEOPÔNICAS

As *Geopônicas* foram provavelmente compiladas entre 944-59 da nossa era. O título em grego mais conhecido do tratado é Γεωπονικά, numa tradução livre: “os árduos trabalhos do campo”. Outro título presente nos manuscritos: αἱ περὶ γεωργίας ἐκλογαί, numa tradução livre, “as seleções sobre os trabalhos do campo”, um título mais fiel ao traço marcante do texto, qual seja, trata-se de uma compilação de preceitos agrícolas de autores diversos. Mais de 30 autores figuram como partícipes das *Geopônicas*: Júlio Africano, Anatólio, Apsirto, Apuleio, Arato, Aristóteles, Berítio, Cassiano Basso<sup>2</sup>, Damogerão, Demócrito, Dídimos de Alexandria, Cássio Dionísio, Diófanes da Bitínia, Filóstrato, Florentino, Frontão, Hierocles, Hipócrates, Juba, Leontino, Nestor, Opiano, Pânfilo, Paxamos, Pelagônio, Ptolomeu de

<sup>2</sup> A quem equivocadamente se atribui a organização do tratado, Κασσιάνου Βάσσου Σχολαστικοῦ περὶ γεωργίας ἐκλογαί (*Geoponica sive Cassiani Bassi Scholastici de Re Rustica eologiae*). Sobre ele, sabemos que viveu no séc. VI d.C. Logo, ele não pode ser editor das *Geopônicas*, mas autor das αἱ περὶ γεωργίας ἐκλογαί. Cf. *RE*, III.2, 1667-1668.

Alexandria, Pitágoras, os dois Quintilianos, Sotíão, Tarentino, Teomnesto, Varrão, Vindaniônio (ou Vindânio), Xenofonte e Zoroastro.<sup>3</sup>

Do ponto de vista textual, muitas das menções a esses autores geram dúvidas quanto à autenticidade, o que torna as *Geopônicas* um desafio à crítica textual. Do ponto de vista prático, preceitos diversos são problemáticos quanto à aplicabilidade, como as seções do Livro XVI que versam sobre a hipiatría, as seções do Livro X sobre a fruticultura, outrossim, a parte sobre a *bugonia* na seção 2 do Livro XV, que exploraremos à frente. A despeito das imprecisões, algumas informações parecem aplicáveis, decerto, constitutivas de uma espécie de cultura campesina tradicional de determinadas regiões; isso ocorre, por exemplo, com as detalhadas informações nos Livros IV e V, que parecem remontar a Diófanes e que apontam para um conhecimento mais preciso da viticultura na Bitínia. Trechos sobre a cultura da oliveira no Livro IX chamam a atenção; e uma descrição de estufas no Livro X, seção 7, para a cultivo da cidra, método tradicional presente no norte da Itália.

Em panorama geral, a coletânea de excertos é dividida em 20 livros dedicados a e financiados por Constantino VII.<sup>4</sup> Os livros – subdivididos em várias seções menores – se dedicam a temas técnicos diversos: Livro I versa sobre meteorologia astrológica, Livro II sobre a agricultura, Livro III sobre o calendário agrícola, Livros IV-VIII sobre a viticultura e o tratamento da vinha, Livro IX sobre a cultura da oliveira, Livro X sobre as árvores frutíferas, Livro XI sobre as plantas ornamentais, Livro XII sobre as hortaliças, Livro XIII sobre fórmulas contra pragas, Livros XIV-XX sobre a criação de animais, principalmente Livro XIV sobre a avicultura, Livro XV sobre as abelhas, Livro XVI sobre cavalos, Livro XVII sobre bovinos, Livro XVIII sobre pequenos rebanhos, Livro XIX sobre os cães e a caça, Livro XX sobre os peixes.

## 2. PRECEITOS PARA O APICULTOR NAS *GEOPÔNICAS*

O Livro XV, seção 2 (15.2), da coletânea dedica alguns cuidados às abelhas. Como de hábito nas *Geopônicas*, cada subseção traz um breve título e o provável autor que compõe a coletânea; na referida seção, “Sobre as abelhas

<sup>3</sup> Não parece haver consenso quanto aos nomes dos autores presentes nas *Geopônicas*, cf. T. Owen, 1805, p. iii-x e *RE*, 7.1, 1221-1222.

<sup>4</sup> Constantino VII Porfirogeneto, imperador bizantino nascido em 906 e morto em 959, filho de Leão VI (morto em 912). Ascendeu ao poder após a regência de outros. Tornou-se conhecido como uma espécie de patrono da erudição, mormente pelo interesse em uma nova abordagem histórica da Antiguidade, a saber, de fazer compilações de saberes do mundo antigo (cf. [9] C. VII = Constantine VII Porphyrogenetus, in *BNP*, Vol. 4, p. 722).

e como se pode gerá-las a partir de um boi, o que se chama *bugonia*. De Florentino.”<sup>5</sup>

A seção começa (15.2.1-4) com uma série de preceitos gerais sobre como cuidar do colmeal ou das melgueiras. O lugar precisa ser bem escolhido e as melgueiras bem dispostas de modo que as abelhas recebam algum calor durante o inverno. A melhor água para esses pequenos animais é a que jorra de nascente natural, pura e límpida, e quanto mais próximo melhor. Pedras e madeira devem ser colocadas emergindo da água para que as abelhas pousem e bebam sem fadiga. Não havendo uma nascente, o apicultor deve construir lagares ou mananciais límpidos e colocá-los próximos às abelhas para que elas não se cansem ao levar água. A seção valoriza a ideia de que as abelhas devem se esforçar o menos possível por meio de vocábulos e expressões sugestivas: “sem fadiga” ou “sem esforço” (ἀμογητί) e “que não se cansem” (μὴ κάμνωσι).

Na sequência, 15.2.5-6, a seção das *Geopónicas* traz preceitos sobre as plantas que favorecem as abelhas e a produção de mel:

5. νομῆ δὲ θύμου μάλιστα χαίρουσι, καὶ ἀφθόνως τούτου νεμόμεναι, μέλι τε πλείστον φέρουσι, καὶ σμήνη τίκτουσιν. 6. ἐλελίσφακόν τε καὶ θύμβρα καὶ κύτισσον ἴδισται μελισσῶν τροφαί, τὰ τε νέα σμήνη προσοζάνει κυτίσσω μάλιστα, καὶ ἀπ’ αὐτοῦ λαμβάνεται ἀπονότερον.

5. Elas muito se agradam da abundância de tomilho,<sup>6</sup> compartilham dele sem inveja, produzem muito mel e geram enxames. 6. Sálvia,<sup>7</sup> segurelha<sup>8</sup> e codesso<sup>9</sup> são

<sup>5</sup> Em gr. Περί μελισσῶν, καὶ πῶς ἄν ἐκ βοῦς γένοιτο, ὁ καλεῖται βουγονή. Φλωρεντίνου. Sobre Florentino, sabemos (cf. *PLRE* 1, **Florentinus** 2) que provavelmente foi nativo da cidade de Trier, na geografia atual, na Alemanha; provavelmente um estenógrafo entre 379-80 d.C., questor em cerca de 395, e *Praefectus Urbis Romae* entre 395 e 397, ao fim foi substituído no cargo por Lampádio. Ter-se-ia afastado das funções públicas para viver o restante da vida na Gália. Teve dois irmãos, Minérvio e Protádio, e um filho também chamado Minérvio. Cláudio dedicou a Florentino o segundo livro de *De Raptu Proserpinae*, “Do Rapto de Proserpina.” Notabilizou-se na função de *Praefectus* por sua ação quando da deserção de Gildo, filho do rei Nubel, da Mauritânia (cf. *PLRE* 1, **Gildo**), pelo lado ocidental do império. A querela contra o governo central, em 397, fez com que o abastecimento de grãos ficasse comprometido em Roma. Apesar da fome, Florentino soube administrar e manter a cidade em paz (*RE*, 6.2, 2755).

<sup>6</sup> Em gr. θύμος, timo, tomilho.

<sup>7</sup> Em gr. ἐλελίσφακον.

<sup>8</sup> Segurelha (gr. θύμβρα), designação das plantas da família das labiadas; erva anual (*Satureja hortensis*) nativa da Europa, com propriedades estimulantes e antiespasmódicas; caracterizada por ramos cobertos de pelos brancos, folhas lineares, lanceoladas, aromáticas e de sabor picante, usada como condimento, flores brancas ou avermelhadas; também chamada alfavaca-do-campo; mesmo que tomilho (*Thymus vulgaris*) (cf. Houaiss).

<sup>9</sup> Codesso (gr. κύτισσον), designação comum a várias árvores e arbustos dos gêneros *Cytisus* e *Adenocarpus* e especialmente a um arbusto do gênero *Laburnum*, todos de uma mesma tribo da família das leguminosas; nativo da Europa, melífero, com folhas trifolioladas, flores amareladas e vagens achatadas e sinuosas. Cf. Varrão. 2012, p. 146-7.

*os alimentos mais agradáveis às abelhas, e novos enxames se adaptam melhor ao colmeio e dele tiram proveito sem grandes penas.*<sup>10</sup>

No passo seguinte, 15.2.7-8, ocorre uma descrição das sedes ou casas (κατάκλεισις, ἀγγεῖα, οἶκος). Elas devem ser feitas com tábuas de faia, de figueira, de pinho, ou ainda de azinheira. As dimensões são descritas basicamente como de um côvado de largura e dois côvados de extensão. A sede agora deve ser untada externamente com uma pasta feita da mistura de areia e esterco; por fim, as sedes devem ser transversalmente perfuradas para que os ventos preservem o colmeio das teias de aranhas e dos bolores.

As abelhas (15.2.9) gostam principalmente do isolamento; a intervenção humana sempre deve ser evitada. Além disso, é preciso que o apicultor construa um pequeno muro feito de pedras finas para que as abelhas possam voar através dos buracos e escapar das aves que as perseguem e do orvalho. Elas preferem suas pastagens habituais, evitam pousos estranhos e, por isso, é necessário conservá-las protegidas em seu lugar (15.2.10). Um preceito interessante diz respeito ao transporte do colmeio por necessidade ou por venda, em 15.2.11: tudo deve ser feito durante a noite e com calma, de maneira reservada, sem agitar os favos e sem estressar os animais.

As abelhas estão sujeitas a doenças e ameaças, e o apicultor precisa estar atento a todas elas. Em 15.2.12-13 nos deparamos com algumas instruções quanto a isso:

12. Τιθύμαλλον δὲ νεμηθεῖσαι, τοῦ τε ὁποῦ γευσάμεναι, διάρρῳαν νοσοῦσι. διὸ δεῖ ἀφανίζειν καὶ ἐκτίλλειν τὸν ἐγγὺς πεφυκότα, αὐτάς τε ἰᾶσθαι, ροιᾶς τοῦ καρποῦ τὴν σκέπην, τουτέστι τὸ κέλυφος, κόψαντα, καὶ διὰ λεπτοῦ κοσκίνου σήσαντα ... μετὰ μέλιτος καὶ οἴνου αὐστηροῦ φυράσαντα. 13. φθειριώσας δὲ ἰάση κλώνας μηλέας καὶ ἔρινεοῦ καίων καὶ καπνίζων. ἀμβλωπιᾶν δὲ νοσοῦσας ἰάση καπνῶ φύλλων ὀρίγανου.

12. Ao comerem a eufórbia,<sup>11</sup> provando do sumo, elas sofrem de diarreia; por isso é preciso eliminar e arrancar a nascida próxima a elas, e remediá-las com uma proteção do fruto da romã, isto é, uma capa,<sup>12</sup> depois de moída e peneirada em fina peneira [...] e misturada com mel e vinho seco. 13. Tendo, porém, o enxame adoecido, irás curá-lo queimando e defumando rebentos de macieira e figueira selvagem. Doentes da visão, irás curá-las com a fumaça das folhas do orégano.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> Todas as traduções, excetuando-se as indicadas, são de nossa autoria.

<sup>11</sup> Em gr. τιθύμαλλος (*Euphorbia peplus*), a eufórbia, designação comum às plantas do gênero *Euphorbia*, da família das euforbiáceas (Houaiss), para o inglês *spurge*, caracterizada por um sumo leitoso acre com propriedades purgativas ou medicinais (cf. *OED*).

<sup>12</sup> Em gr. κέλυφος, cf. *LSJ*, falando de frutas, “revestimento, invólucro, capa”.

<sup>13</sup> Em gr. ὀρίγανος (ή), orégano, designação comum às plantas do gênero *origanum*, da família das labiadas nativas da Europa, da Ásia e do Mediterrâneo; a espécie mais conhecida é o orégano (Houaiss).

Em 15.2.14-16, seguem as instruções referentes aos reis: entre os antigos (cf. Varrão, 3.16.6, 2012, p. 252-3), a crença era de que um macho da espécie governava a colmeia. Aqui, em nossas traduções, usamos o que hoje sabemos sobre o papel da rainha da espécie. Uma instrução sugestiva: faz-se necessário que em cada colmeia apenas uma rainha seja deixada e que sejam eliminadas as demais. Isso porque, havendo mais de uma rainha, as demais abelhas entram em discórdia e se afastam dos trabalhos. Ao apicultor cabe reconhecer as melhores dentre as rainhas, a saber, aquelas de pelos dourados, em tamanho uma vez e meia de uma abelha comum; as segundas melhores são as de cores variadas, de tom mais enegrecido, o dobro do tamanho de uma abelha comum.

O apicultor precisa estar atento a algumas espécies de plantas e animais que são prejudiciais às abelhas e ao mel. Em 15.2.17-19, seguem instruções sobre plantas e animais de espécies diversas que precisam ser retirados de perto das melgueiras: a eufórbia – porque adoecem as abelhas, como vimos –, o heléboro,<sup>14</sup> a tápsia,<sup>15</sup> o absinto<sup>16</sup> e a figueira selvagem<sup>17</sup>, todas elas são nocivas às abelhas e à produção de um mel de qualidade. Da mesma sorte, os animais que as ameaçam dever ser erradicados"; são eles: as vespas, os abelheiros, os abelharucos, as andorinhas, lagartos<sup>18</sup> e salamandras. Todos eles são perniciosos e mortíferos para as abelhas. Ainda na seção das espécies nocivas, uma parte vem dedicada aos homens com uma notável nuance folclórica: elas toleram muito pouco a aproximação dos homens e atacam os humanos quando exalam cheiro de vinho e de perfume e, pior, atacam as mulheres, principalmente as que acabaram de ter relações sexuais.

Por fim, em 15.2.20, o apicultor precisa zelar pela proteção e pelo bem-estar das colmeias: elas devem ser besuntadas cuidadosamente com flores de tomilho ou de choupou-branco.<sup>19</sup> Trata-se, segundo a coletânea, de melhorar a estadia das abelhas nas moradas. E não só isso. O apicultor deve amaciar

<sup>14</sup> Em gr. ἐλλέβορος (no dialeto ático ἐλλ-), heléboro, erva do gênero *helleborus*, da família das ranunculáceas, muito venenosa, e nativa da Europa, Mediterrâneo e Ásia. (Houaiss). Em inglês, *hellebore*, nome dado pelos antigos a plantas de propriedades venenosas e medicinais e famosas para doenças mentais (OED).

<sup>15</sup> Em gr. θάψια, a tápsia, planta do gênero *thapsia* da família das umbelíferas, nativas do Mediterrâneo. Em inglês, *deadly carrot* (cf. OED).

<sup>16</sup> Em gr. ἀψίνθιον, *Artemisia absinthium*, erva aromática nativa da Europa; das raízes e folhas se extrai um óleo volátil tóxico com ação sobre o sistema nervoso (Houaiss).

<sup>17</sup> Em gr. ἄγριουσκῆ. Pelo menos uma versão antiga do texto traz “ἄγριονσίκουον”, “pepino selvagem” (cf. Paládio 1.37.5).

<sup>18</sup> Em gr. κροκόδειλος, cf. LSJ κροκόδιλος, palavra jônica para lagarto.

<sup>19</sup> Em gr. λεύκη, choupou-branco, árvore (*Populus alba*) da família das salicáceas, nativa da Europa e Ásia, de casca rugosa na base e lisa no ápice, rica em tanino.



a colmeia usando a mesma proporção de forragem de nardo<sup>20</sup> e mirra e, misturando a eles quatro vezes a quantidade de mel, besuntar as melgueiras.

### 3. A BUGONIA NAS *GEOPÔNICAS*

A *bugonia* fazia parte do arcabouço cultural campesino antigo (MUNIZ, 2017, p. 218-9). Reconhece-se, no entanto, que o fenômeno foi problemático quanto à sua aplicabilidade, o que parece compor uma espécie de folclore popular. A despeito disso, o fenômeno encontrou seu lugar na literatura técnica agrária, está presente em Varrão, 2.5.5 e 3.16.4, nas *Geórgicas* IV de Virgílio, em Columela, 9.14.6; uma ausência notoriamente importante ocorre no *corpus* aristotélico; seja como for, chegou até à Idade Média: é comentada por Isidoro *Etym.* 11.4.3<sup>21</sup> e 12.8.1-3,<sup>22</sup> citada na *Anthologia Palatina*, no epigrama 7.36.3-4,<sup>23</sup> mencionada no verbete βούπαις do Suda, e descrita em detalhes na coletânea bizantina, *Geopônicas* 15.2, objeto de nossa atenção.

A passagem das *Geopônicas* que agora nos interessa começa sua descrição da *bugonia* apelando a três fontes, a saber, Juba,<sup>24</sup> rei da Mauritânia, o filósofo Demócrito e Varrão (?):

<sup>20</sup> Em gr. *várdos*(ή), nardo, *nardus*, planta da família das gramíneas, nativa da Europa e Oeste da Ásia.

<sup>21</sup> *Siquidem et per naturam pleraque mutationem recipiunt, et corrupta in diuersas species transformantur; sicut de uitulorum carnibus putridis apes, sicut de equis scarabei, de mulis locustae, de cancris scorpiones.* (“Se, pois, muitas outras coisas, por natureza, entram novamente em mutação, também as coisas corruptíveis se transformam em espécies diversas; assim, das carnes pútridas dos vitelos nascem as abelhas; assim dos cavalos, os escarvelhos; das mulas, os gafanhotos; dos caranguejos os escorpiões.”).

<sup>22</sup> *Has (scil. apes) plerique experti sunt de boum cadaueribus nasci. Nam pro his creandis uitulorum occisorum carnes uerberantur, ut [ex] putrefacto cruore uermes creentur, qui postea efficiuntur apes. Proprie tamen apes uocantur ortae de bobus, sicuti scabrones de equis, fuci de mulis, uespae de asinis.* (“Muitos provaram que elas (scil. abelhas) nascem dos cadáveres dos bois. Na verdade, em favor do nascimento delas, as carnes dos vitelos mortos são batidas, para que do cruor putrefato vermes cresçam, que depois se tornam abelhas. Por isso, de modo apropriado, as abelhas são chamadas ‘nascidas de bois’, como os vespões dos cavalos, os moscardos das mulas, as vespas dos asnos.”).

<sup>23</sup> αἶει τοι βούπαισι περιστάζοιτο μελίσσαις τύμβος, Ὑμηττεῖω λειβόμενος μέλιτι (“o sepulcro sempre é regado por abelhas nascidas de bois, libado com mel de Himeto”). Quanto ao termo βούπαις, o Suda (ADLER, 2001, Vol. 1, p. 487) oferece duas acepções, a primeira (όνεος, ἐφήλιξ, βούκολος) “o jovem, o adolescente, que cuida das vacas”; a segunda no sentido que nos interessa: há uma citação do epigrama e na sequência outra citação, dessa vez de Nicandro (v. 741 da *Theriaca*): ἵπποι γὰρ σφηκῶν γένεσις ταῦροι δὲ μελισσῶν (“os cavalos são a origem das vespas; os touros, das abelhas”).

<sup>24</sup> Nascido por volta de 50 a.C. e morto em 23 d.C., Juba também ficou conhecido por seus escritos, (cf. Juba [2], *BNP*, Vol. 6, 1205-6). Ele foi autor de obras – hoje perdidas – que versaram sobre etnografia (livros sobre Assíria, Arábia e África são alguns dos quais temos

21. Ἰόβας δὲ ὁ βασιλεὺς Λιβύων ἐν λάρνακι ξυλίῃ φησὶ δεῖνποι εἶσθαι μελίσσας· καὶ Δημόκριτος καὶ Βάρων, ἐν Ῥωμαίᾳ γλώσσῃ, ἐν οἴκῳ φασὶ χρῆ ποιεῖσθαι, ὅπερ ἐστὶ καὶ ἄμεινον.

21. Juba, rei a Líbia, diz ser possível produzir abelhas em um baú de madeira; Demócrito e Varrão,<sup>25</sup> em língua latina, dizem ser possível produzir em um cômodo, o que é ainda melhor.

Na citação, evidencia-se uma preferência às instruções de Demócrito e de Varrão. Essa passagem, no entanto, levanta muitas suspeitas aos críticos. Sobre essa preferência, A. S. F. Gow (1944, p. 14-15) nota que a menção a Demócrito é altamente suspeita: a despeito do registro presente em Columela 9.14.6, as ocorrências mais antigas que temos em língua grega são de Filetas de Cós, Calímaco<sup>26</sup> e, em adição, Nicandro. A menção a Varrão parece ser um ponto crítico do texto, nota A. S. F. Gow; ora, temos rápidas ocorrências da *bugonia* no texto varroniano e a menção a Varrão parece apontar para, talvez, um equívoco do texto, pois A. S. F. Gow sugere a emenda textual Μάγων “Magão” por Βάρων “Varrão”, à luz da passagem de Columela 9.14.6:

*progenerari posse apes iuueno perempto, Democritus et Mago nec minus Vergilius prodiderunt. Mago quidem uentribus etiam bubulis idem fieri affirmat, quam rationem diligentius prosequi superuacuum puto...*

Demócrito e Magão e, principalmente, Virgílio asseveraram ser possível gerar abelhas a partir de um novilho morto. Magão, na verdade, afirma que também o mesmo se faz a partir do ventre dos bois, pelo que considero supérfluo proceder detalhadamente com esse método...

Esse Magão foi o autor de um célebre tratado cartaginês sobre o campo (em 28 livros). Ele é chamado por Columela de *rusticationis parentem maxime*, “o grande pai da rusticidade”, em 1.1.13-14.<sup>27</sup> O manual de que apenas temos notícia foi composto provavelmente entre os séculos III e II a.C., e, depois da conquista de Cartago em 146 a.C., por ordem do senado romano, traduzido da língua púnica para o latim sob a direção de Décimo Júnio Silano (cf. *BNP*, Mago [12], Vol. 8, 180-1).

notícia), história (como um breve esboço sobre História de Roma), obras comparativas entre história moral e história natural, e vastos compêndios sobre teatro, música e pintura, e um tratado sobre a planta eufórbia.

<sup>25</sup> Cf. *Rust.* 3.16; Columela 9.14.3.

<sup>26</sup> Cf. Filetas de Cós fr. 22 (edição de Powell), Calímaco fr. 383.4 (edição de Pfeiffer).

<sup>27</sup> *...uerum tamen ut Carthaginiensem Magonem rusticationis parentem maxime ueneremur; nam huius octo et uiginti memorabilia illa uolumina ex senatus consulto in Latinum sermonem conuersa sunt.* (“o grande pai da rusticidade, o cartaginês Magão: pois aqueles seus memoráveis vinte e oito volumes, por resolução do senado, foram traduzidos para a língua latina.”).

A coletânea bizantina, então, em 15.2.22-38, passa à descrição do método. Em primeiro lugar, 15.2.22, o detalhamento do cômodo: este deve ter dez côvados de altura e de largura, todos os lados na mesma medida; uma única entrada deve ser construída e quatro janelas, uma em cada lado. Na sequência, 15.2.23-25, o detalhamento do tempo de vida do novilho, de dois anos e meio, bem nutrido, e o procedimento por que ele deve ser morto:

23. εἰς τοῦτον ἀγαγὼν βοῦν τριακοντάμηνον, εὖσαρκον, λιπαρὸν μάλιστα, περίστησον αὐτῷ νεανίας πολλούς, καὶ τυπτέτωσαν αὐτὸν ἰσχυρῶς, καὶ τύπτοντες αὐτὸν ῥοπάλοις ἀποκτεινάτωσαν, ὁμοῦ ταῖς σαρξὶ τὰ ὀστέα συναλοῦντες. 24. φυλακὴν ἐχέτωσαν, τὸ μὴ αἰμαξαι τι τοῦ βοῦς (οὐ γὰρ ἂν ἐξ αἵματος κηθεῖη ἡ μέλισσα), ταῖς δὲ πρώταις πληγαῖς μὴ βιαίως ἐμπεσόντες. 25. Εὐθὺς δὲ ἀποπεφράχθω πᾶς τοῦ βοῦς πόρος ὀθόναις καθαραῖς καὶ λεπταῖς πίσση κεχρισμέναις· οἶον ὄμματα, καὶ ῥῖνες, καὶ στόμα, καὶ ὅσα τῇ φύσει πεποιῆται εἰς κένωσιν ἀναγκαῖαν.

23. Para ele [o cômodo] levando um boi de trinta meses, de boa aparência e bem gordo. Deves cercá-lo de muitos jovens, e eles devem bater nele fortemente com maças e devem matá-lo, esmagando os ossos juntamente com a carne. 24. Eles devem estar vigilantes para não deixar sangrar alguma parte do boi (pois a abelha não pode ser concebida do sangue), nem cair violentamente com os primeiros golpes. 25. Cada orifício do boi deve ser imediatamente obstruído com tecidos limpos, finos e besuntados com resina:<sup>28</sup> os olhos, as narinas, a boca e outros foram feitos pela natureza para a necessária evacuação.

A descrição é grotesca, mais atenuada, no entanto, que nas *Geórgicas* IV. Jovens devem cercar e matar o novilho lentamente a golpes de maças, de modo que os ossos sejam esmagados juntamente com a carne – os ossos teriam uma função primordial como veremos. Durante o processo, é preciso ter o cuidado de não ferir a pele: o novilho não pode sangrar por parte alguma. Para tanto, os orifícios do animal devem ser vedados com tecido e resina para evitar qualquer tipo de evacuação.

Feito o sacrifício grotesco, 15.2.26, o animal morto deve ser colocado deitado sobre bastante tomilho, uma das plantas que agradam as abelhas. Os jovens imediatamente devem sair do cômodo e untar portas e janelas com argila espessa, de modo que não haja entrada de ar, de vento ou saída alguma.<sup>29</sup>

Algumas orientações quanto ao tempo são registradas em 15.2.27. Depois de lacrada a sede, na terceira semana, o apicultor precisa abrir portas e janelas para que luz e ar puro entrem plenamente, com o cuidado de fechar

<sup>28</sup> Em gr. πίσσα, pez ou resina.

<sup>29</sup> Na passagem, μηδ' ἦντιν' οὐν εἰσδυσιν ἢ διάπνευσιν εἶναι... “que não haja entrada ou transpiração alguma...”; para διάπνευσιν, cf. *LSJ*, mesmo que διαπνοή, exalação, transpiração.

a janela do lado por que o vento passa com mais força. Quando as matérias<sup>30</sup> (larvas), em 15.2.28, parecerem se mover pela carcaça, o apicultor deve fechar novamente porta e janelas com o mesmo método de antes. Onze dias depois, em 15.2.29, o espantoso resultado:

29. ἐνδεκάτη δὲ μετὰ ταύτην ἡμέρα ἀνοίξας εὐρήσεις πλήρη μελισσῶν βοτρυδὸν ἐπ' ἀλλήλαις συνηγμένων, καὶ τοῦ βοῶς λειπόμιστα κέρατα καὶ τὰ ὀστά, καὶ τὰς τρίχας, ἄλλο δὲ μηδέν.

29. No décimo primeiro dia depois deste, ao abrir, encontrarás [a sede] repleta de abelhas reunidas umas sobre as outras formando cachos, chifres e ossos restantes do boi, pelos e nada mais.

No folclore popular, em 15.2.30, as rainhas nasceriam do cérebro, e as demais abelhas, das carnes; ou ainda as rainhas nasceriam igualmente da medula espinhal e, por essa razão, de nascerem do cérebro ou da medula espinhal, as rainhas seriam mais fortes que as demais em tamanho, beleza e vigor.

A parte final da seção, 15.2.31-38, se concentra em uma descrição do desenvolvimento das abelhas, do embrião ao crescimento, na observância que o apicultor precisa ter quanto à permanência das abelhas no cômodo e nas instruções finais sobre a condução das abelhas ao apiário.

A visão que o apicultor teria ao abrir o cômodo seria de animais pequenos e brilhantes, todos semelhantes entre si e ainda imperfeitos quanto à metamorfose dos corpos (15.2.32). Só depois seria possível ver o surgimento das asas nas abelhas, algumas adquirindo sua coloração natural, outras rodeando a rainha, outras voando e outras ainda inseguras em voar pela inexperiência e pela falta de forças nas articulações (15.2.33). Elas naturalmente se aglomerariam nas janelas da sede, em busca de luz. A recomendação seria de que o apicultor, em dias alternados, abrisse e fechasse as janelas. Outra observação a ser seguida seria de não deixar as abelhas muito tempo no confinamento da sede, pois o calor poderia ser mortal para as abelhas e o comportamento delas poderia ser alterado (15.2.34-36).

Ao fim e ao cabo, em 15.2.37-38, o apicultor precisaria estar perto do apiário quando as abelhas saíssem da sede e fumigar o timo e louro para que de bom grado elas entrassem no apiário:

37. Τοῦ δὲ οἴκου ὁ μελισσῶν ἐγγὺς ἔστω, καὶ ὅταν ἐκπετασθῶσιν ἀνοιγομένης ταῖς θυρίσιν ὑποθυμία θύμου τε καὶ κνεώρου. 38. τῇ γὰρ ὁσμῇ ἐλκύσεις αὐτὰς εἰς τὸν μελισσῶνα, τεθεραπευμένας ὁσμαῖς ἀνθῶν· καὶ θυμῶν οὐκ ἀκούσας

<sup>30</sup> Em gr. ὄλη, cf. *LSJ* III.1. A. S. F. Gow (1944, p. 14) sugere outra emenda ao texto em razão do uso raríssimo da palavra grega ὄλη com o sentido de “matéria” em todas as *Geopōnics*. Segundo o estudioso, αἱ ἐὼλαί, “as larvas”, parece a palavra mais apropriada.

εισελάσεις. χαίρουσι γὰρ μέλιται τῇ εὐωδίᾳ καὶ ἄνθεσιν, εἰκόσιν εἶναι μέλιτος δημιουργοῖς.

37. Estejas por perto do apiário, quando se espalharem, com as janelas abertas, fumiga o timo e o louro.<sup>31</sup> 38. Pois com a fragrância arrastará as abelhas para o apiário, sendo atraídas pelas fragrâncias das flores, e fumigando as conduzirá de bom grado. As abelhas, pois, regozijam-se com o bom perfume e com as flores, a representação do que devem ser as fabricantes do mel.

A fragrância das flores tem a capacidade de atrair as abelhas à melgueira e de funcionar como uma espécie de modelo, de representação daquilo que elas potencialmente podem produzir, o mel.

Feita uma apresentação do tratado bizantino e feito um detalhamento de passos que nos interessam, faz-se mister discutir sobre o tratamento que a matéria e os autores da literatura técnica recebem no texto. Passemos a essa parte.

#### 4. A PRESENÇA DA LINGUAGEM TÉCNICA LATINA NAS *GEOPÔNICAS*

Perutelli (2010, p. 293) observa com muita precisão que a separação moderna entre as formas e temas literários e as formas e temas técnicos, científicos, é o resultado da estética romântica e idealista desenvolvida a partir do séc. XVIII. Para o modo de pensar moderno, é bem complexo compreender um estreitamento entre uma escrita criativa e uma que se proponha técnica. Trevizam (2014, p. 15) esclarece a observação de Perutelli da seguinte maneira:

A aproximação da assim chamada “literatura técnica antiga”, tal como inscrita nos tratados de importantes praticantes da arte da palavra em Grécia e Roma, demanda, sem sombra de dúvida, alguns esforços de adaptação apreciativa por parte do público contemporâneo. Assim, herdeiros que somos do Romantismo em vários pontos de nosso entendimento valorativo, convencionou-se com alguma frequência, a partir de fins do século XVIII, compreender os âmbitos das artes e das ciências, ou saberes especializados, como domínios mutuamente excludentes do fazer espiritual humano, como se não mais houvesse chances de intercomunicação entre formas de pensar (ou escrever) esteticamente comprometidas com a expressão ou com o imediato rigor expositivo de quaisquer matérias.

O esforço de adaptação se faz necessário para os modernos porque ainda soa estranho que textos técnicos como os de Catão e Varrão demonstrem uma notável verve literária: expressão técnica, caracterizada pela seriedade ou crueza do caráter tratadistas; sem margem para dúvida, a linguagem técnica

<sup>31</sup> Em gr. κνέωρος(ó), tipo de louro; cf. *LSJ*, *spurge-flax* (*Daphne gnidium*); cf. *OED*, da família da eufórbia. Cf. Plínio 21.9.

não representou um estorvo à literariedade de uma prosa bem elaborada ou mesmo a uma tecnicidade vertida em forma de poesia, como bem comprova a produção de toda a literatura antiga, grega e latina.

Perutelli (2010, p. 294) também nos lembra que a literatura latina tardia paulatinamente demarcou os traços cada vez mais progressivos em direção ao que o estudioso chama de “destinação escolástica”, caracterizada pela fragmentação dos saberes conforme tipologias e temáticas refletidas na escrita.

O recorte do Livro II das *Geopônicas* sobre *bugonia*, no entanto, se configura uma demonstração interessante de que a linguagem técnica antiga ainda gozava de prestígio no período tardio ou ainda compunha o arcabouço cultural desse período, até por volta do séc. X, mesmo em autores e obras do mundo bizantino. Tal prestígio, sem dúvidas, evidencia-se pela presença marcante de autores da literatura técnica do período clássico, bem como por alguns movimentos composicionais típicos das obras técnicas antigas.

O emprego da segunda pessoa do discurso imprime marcas significativas na interlocução do tratado bizantino: ora o interlocutor se confunde com um leitor qualquer, ora se confunde com o apicultor – essas instâncias da interlocução não são excludentes. Em 15.2.13, encontramos duas ocorrências da segunda pessoa do discurso no futuro, com uma nuance imperativa: “...o enxame adoecido, irás curá-lo (ιάση) queimando e defumando rebentos de macieira e figueira selvagem. Doentes da visão, irás curá-las (ιάση) com a fumaça das folhas do orégano.” Em 15.2.18, a ordem para destruir as plantas e os animais prejudiciais é imperativa: “Da mesma maneira, deverás destruir (διαφθερεῖς) os animais que as ameaçam (são eles, as vespas, os abelheiros, os abelharucos, as andorinhas, lagartos<sup>32</sup> e salamandras) [...]”

Compartilhando um caráter interlocutório, a nuance imperativa ocorre amiúde no emprego raro de um imperativo ativo de terceira pessoa (-τωσαν, desinência alternativa a -οντων), como em 15.2.4 (ἔστωσαν), 23 (τυπτέτωσαν, ἀποκτεινάτωσαν), 24 (ἐχέτωσαν) e 26 (ἐπιχρισάτωσαν). O emprego desse imperativo carrega um forte traço de uma ordem emitida a interlocutores variados, ora a um apicultor, ora aos jovens que devem realizar os procedimentos com o novillo.

O vocabulário técnico campesino, por sua vez, compõe outro traço marcante do tratado e da seção em tela. A terminologia se concentra, sobretudo, no conhecimento sobre as plantas: timo ou tomilho (θύμος), sálvia (ἐλελίσφακον), segurelha (θύμβρα), codesso (κτύτισσον), faia (ὄξεῖνος), eufórbia (τιθύμαλλος), orégano (ὀρίγανος), heléboro (ἐλλέβορος), tápsia (θαψία), absinto (ἀψίνθιον), chouro-branco (λεύκη), nardo (νάρδος), louro (κνέωρος) etc. Todo esse vocabulário técnico campesino encontra abrigo em

<sup>32</sup> Em gr. κροκόδειλος, cf. *LSJ* κροκόδιλος, palavra jônica para lagarto.

obras gregas anteriores ao tratado bizantino, como, à guisa de exemplo, as de Aristóteles, *História dos Animais*, de Teofrasto, *História das Plantas* e *Sobre as Causas das Plantas*, e latinas como as de Varrão e Columela.

Por fim, o modo como Varrão e, sobretudo, Virgílio se fazem presentes na seção se configura a melhor demonstração do tratamento dado à matéria técnica. Como vimos anteriormente, a descrição da *bugonia*, em geral, possui ocorrências esparsas na literatura técnica latina. Varrão a menciona, *Rust.* 2.5.5,<sup>33</sup> ao citar um autor desconhecido de uma obra de título *Bugonia*; e em 3.16.4 há a ocorrência mais rica no texto varroniano:

*Primum apes nascuntur partim ex apibus, partim ex bubulo corpore putrefacto. Itaque Archelaus in epigrammate ait eas esse:*  
 βοὸς φθιμένης πεπλανημένα τέκνα,  
 idem  
 ἵππων μὲν σφῆκες γενεά, μόσχων δὲ μέλισσαι

Em primeiro lugar, as abelhas nascem em parte de abelhas, em parte do cadáver putrefato de um boi. E assim, Arquelaus, num epigrama, diz que elas são ‘filhas errantes de uma vaca morta’, e o mesmo, ‘cria dos cavalos as vespas, dos bezerros as abelhas’.

No entanto, Varrão parece fornecer à seção do tratado bizantino a ambientação favorável ao apiário, onde ele deve ser posto para se obter melhores abelhas e melhores resultados. Diz-nos Varrão, em 3.16.12:

*Primum secundum uillam potissimum, ubi non resonent imagines (hic enim sonus harum fugae existimatur esse protelum), esse oportet aere temperato, neque aestate feruido neque hieme non aprico, ut spectet potissimum ad hirbenos ortus, qui prope se loca habeat ea, ubi pabulum sit frequens et aqua pura.*

Em primeiro lugar de preferência junto à casa de campo, onde não soem ecos (julga-se, com efeito, que esse som é um sinal de fuga para elas); é preciso que fique em ares temperados, nem escaldantes no verão, nem não expostos ao sol no inverno, que de preferência se volte para o nascente no inverno e tenha nas proximidades lugares onde o alimento seja abundante e a água pura.

<sup>33</sup> *denique ex hoc putrefacto nasci dulcissimas apes, mellis matres, a quo eas Graeci bugenes appellant; et hunc Plautium locutum esse Latine quam Hirrium praetorem renuntiatum Romam in senatum scriptum habemus. Sed bono animo es, non minus satisfaciam tibi, quam qui Bugoniam scripsit.* “finalmente, que, de bois putrefatos, nascem dulcíssimas abelhas, mães do mel, pelo que os gregos as chamam de *bugenes*; e temos por escrito que o pretor anunciou ao senado em Roma que um boi disse em latim: ‘Pláutio de preferência a Hírrio’. Mas tem coragem, não vou satisfazer-te menos que o autor da *Bugonia*.” (todas as traduções do texto varroniano são de Trevizam, 2012).

A passagem varroniana foi ecoada no próêmio das *Geórgicas* IV, v. 8-50, quando Virgílio prepara seus leitores para as instruções relativas à apicultura propriamente dita. As primeiras dizem respeito a uma cuidadosa descrição do lugar, da *sedes* ou da *statio*, onde as abelhas melhor se acomodam. Em Virgílio, *Geórgicas* 4.8-17, lemos:

*Principio sedes apibus statioque petenda,  
quo neque sit uentis aditus (nam pabula uenti  
ferre domum prohibent) neque oues haedique petulci* 10  
*floribus insultent, aut errans bucula campo  
decutiat rorem et surgentis atterat herbas.  
absint et picti squalentia terga lacerti  
pinguibus a stabulis meropesque aliaequae uolucres  
et manibus Procne pectus signata cruentis:* 15  
*omnia nam late uastant ipsasque uolantis  
ore ferunt dulcem nidis immitibus escam.*

Em princípio, a sede e o forte as abelhas procuram em que a entrada nem seja contra os ventos (pois eles impedem de à casa levar alimento), nem ovelhas e bodes cornutos 10 insultem as flores, ou novilha errante no campo derrube o orvalho e pise as ervas surgentes. Ausentes estejam os lagartos pintados de peles escamosas, dos pingues estábulos, os abelheiros e outros pássaros e Procne<sup>34</sup> marcada no peito por cruentas mãos: 15 a tudo pois latamente assolam e as próprias abelhas voando, uma agradável isca levam na boca aos cruéis ninhos.

É importante que a morada (além de *sedes* e *statio*, também chamada de *domus*, v. 10, semelhantes ao οἶκος recorrente nas *Geopônicas*) não seja posta contra os ventos; além disso, a colmeia não deve estar à exposição de animais prejudiciais: as ovelhas, os bodes, a novilha, os lagartos, os abelheiros, outros pássaros e o rouxinol. Tais espécies devastam tudo que as abelhas apreciam, e até mesmo as próprias abelhas, abatidas em pleno voo. Vê-se que a disposição dos textos virgiliano e bizantino trazem mais aproximações: tão logo descreva a sede, faz-se mister proteger de inimigos externos. (cf. *Geopônicas* 15.2.17-18)

Na abertura das *Geopônicas* 15.2 lemos:

<sup>34</sup> Procne, filha de Pandión, irmã de Filomela (ambas transformadas em pássaros) e esposa de Tereu (a versão mais antiga do mito está em *Od.* 19.518-23). A peça perdida de Sófocles, *Tereu*, começa com o estupro de Filomela por Tereu, que, para mantê-la em silêncio, corta-lhe a língua. Filomela retrata num tecido o acontecimento; Procne vingava-se matando Ítis, filho de Tereu, e servindo-o ao próprio pai. Tereu decide puni-las, mas Filomela e Procne são transformadas em rouxinol e andorinha ou vice-versa.



1. Τὸ χωρίον, ἐν ᾧ ἔσονται αἱ μέλισσαι, τετράφθαι πρὸς χειμερινὰς ἢ ἐαρινὰς ἀνατολὰς ἢ λίουχρῆ, ὅπως ἂν θάλπος ἔχῃ χειμῶνος, καὶ θέρους αἱ αὔραι αὐταῖς ἐπιπνεύουσαι ἀναπαύουσιν αὐτάς. 2. ὕδωρ δέκρατίστον σμήνεσι, τὸ διὰ τραχείας ῥέον ψηφίδος, ἀδιάφθορόν τε καὶ ἀθόλωτον· ὑγιείας τε γὰρ καὶ καθαροῦ μέλιτος ποιητικόν. 3. χρῆ δὲ ἐνιστάναι σπιλάδας πέτρας, καὶ ξύλα μικρὸν ὑπερέχοντα τοῦ ὕδατος, ἵνα ἐφιζάνουσαι πίνωσιν ἀμογητί. 4. εἰ δὲ μὴ εἶη ῥέον ἀπὸ τῆς γῆς ὕδωρ, ἐκ φρέατος ὕδωρ ἐπαντλεῖν εἰς καθαροὺς ληνοὺς ἢ κρήνας. ἔστωσαν δὲ αὐταὶ πλησίον τῶν μελισσῶν, ὅπως ὕδροφοροῦσαι μὴ ἀμνωσι.

1. O lugar onde as abelhas estarão precisa ser disposto para o nascer do sol de inverno ou de primavera, a fim de que elas tenham calor durante o inverno e que ventos de verão soprando sobre elas as refresquem. 2. A melhor água para o enxame é aquela que corre por ásperos seixos, pura e límpida, produzindo, assim, abelhas saudáveis e mel puro. 3. É necessário colocar pedras marinhas e madeiras emergindo um pouco da água para que, ao pousar, possam beber sem fadiga. 4. Se não houver água corrente jorrando da terra, derrame água de um poço sobre lagares límpidos ou mananciais, e que eles estejam próximos das abelhas para que elas não se cansem levando água.

O texto do tratado bizantino ainda menciona o cuidado com a água, que deve estar próxima ao apiário, límpida, acessível às abelhas. Esse passo ecoa novamente o tratado de Varrão, em. 3.16.27:

cibi pars quod potio et ea iis aqua liquida, unde bibant esse oportet, eamque propinquam, quae praeterfluat aut in aliquem lacum influat, ita ut ne altitudine escendat duo aut tres digitos; in qua aqua iaceant testae aut lapilli, ita ut exstent paulum, ubi adsidere et bibere possint. In quo diligenter habenda cura ut aqua sit pura.

Como bebida é parte do alimento e consiste, para elas, em água límpida, deve haver e estar perto um lugar donde bebam. Deve fluir ou correr para um tanque, de modo que, em profundidade, não ultrapasse dois ou três dedos; lancem-se nessa água cacos ou pedrinhas, de modo que se projetem um pouco e aí possam pousar e beber. A esse respeito, deve-se ter grande cuidado para que a água seja límpida.

Nas *Geórgicas*, 4.18-32, por sua vez, temos uma descrição pontual da localização do apiário o mais próximo possível de correntes de água:

*at liquidi fontes et stagna uirentia musco  
adsint et tenuis fugiens per gramina riuus,  
palmaque uestibulum aut ingens oleaster inumbret,* 20  
*ut, cum prima noui ducent examina reges  
uere suo ludetque fauis emissa iuuentus,  
uicina inuitet decedere ripa calori  
obuiaque hospitiis teneat frondentibus arbos.*  
*in medium, seu stabit iners seu profluet umor,* 25  
*transuersas salices et grandia conice saxa,  
pontibus ut crebris possint consistere et alas  
pandere ad aestiuum solem, si forte morantis*

*sparserit aut praeceps Neptuno immerserit Eurus.  
haec circum casiae uirides et olentia late* 30  
*serpulla et grauiter spirantis copia thymbrae  
floreat, inriguumque bibant uiolaria fontem.*

Mas líquidas fontes e lagos verdejantes de musgo  
presentes estejam e um tênue rio fuginte pela grama,  
a palmeira ou ingente zambujeiro sombreie o vestibulo, 20  
para que, quando novos reis conduzirem os primos enxames  
em sua primavera e brincar no favo a livre juventude,  
a vizinha riba convide a fugir do calor e a  
árvore acessível se mantenha em hospitalidade frondosa.  
Ao meio, se a umidade inerte se estabelecer ou dimanar, 25  
lança transversos salgueiros e grandes rochedos,  
para que possam firmar-se em pontes cerradas e as asas  
estender ao sol estivo, se por acaso as demoradas  
tiver espalhado o ligeiro Euro ou imergido em Netuno.  
Que ao redor essas caneleiras verdejantes, os aromáticos 30  
serpões e a cópia pesada de odorífico tomilho floresçam,  
e que as violetas bebam de regada fonte.

De um ponto de vista natural, o texto virgiliano e o bizantino reforçam que as abelhas necessitam de água para sobreviver e para produzir mel de qualidade. Nas *Geórgicas*, no entanto, temos uma ambientação mais detalhada, e há um subtendido particular em Virgílio: de um ponto de vista social, um ambiente propício é facilitador para o surgimento e governo de novos reis (*noui... reges*); os liderados desfrutam de tal ambiente, sobretudo, a juventude primaveril, ocupada em gozar de seus gracejos e sua liberdade.

Tratamos a *bugonia* nas *Geórgicas* IV, v. 281-314, como uma descrição grotesca de um sacrifício para a restauração de uma colmeia (cf. MUNIZ, 2019, p. 17-28). Na oportunidade, tecemos comentários e traduções da passagem virgiliana. A presença do mantuano no tratado bizantino salta aos olhos. Em um contraponto sucinto, o ritual deve levar em conta um lugar exíguo (*Geórgicas* 4.295, *exiguus locus*) e estreito (*contractus*), adaptável ao animal e conveniente a todo o processo (*ipsos in usus*). Nas orientações das *Geopônicas* 15.2.22ss, a descrição corresponde ao detalhamento do quarto que deve ser construído, de tamanho suficiente para receber a carcaça de um vitelo: o lugar deveria ter dez cúbitos de altura, de comprimento e de extensão. Nas *Geórgicas*, as entradas de ar, “quatro frestas... para os quatro ventos” (*quattuor... quattuor*), com pouca luz (v. 298, *obliqua luce*), favorecem a putrefação. Nas *Geopônicas* 15.2.22ss, a descrição é seguida para orientação da vedação do cômodo. Ambos os textos mantêm o detalhamento da morte do vitelo por espancamento e com a vedação dos orifícios do animal. Segue-se a parte mais admirável, a de um sacrifício espantosamente grotesco: um animal de dois anos (não necessariamente um boi, no tratado bizantino de dois anos e meio)

tem sua respiração obstruída e, relutando muito, é morto a golpes, seus órgãos são destruídos e quebrados seus ossos; o couro, no entanto, deve ficar inteiro. A carcaça é colocada no lugar escolhido sobre o chão coberto de ramos de costo, timo e cássia, as plantas preferidas das abelhas; nas *Geopônicas* 15.2.26, a coberta é feita apenas com timo.

Nas *Geórgicas*, o rito deve ser feito um pouco antes do início da primavera, quando ventos do oeste reabrem o mar para a navegação (cf. MYNORS 1998, p. 299); é nessa estação que a morte sai de cena para dar lugar à vida, à restauração. Depois de certo tempo, o sangue tépido da carcaça dá origem a animais visíveis, aos vermes (“as matérias” nas *Geopônicas* 15.2.28) – num espetáculo admirável (v. 309, *uisenda modis animalia miris*) –, que se transformariam em numerosos (v. 311, *magis magis*) insetos alados; no tratado bizantino 15.2.31-34, o aspecto espetacular da visão fica para o final, quando o apicultor teria diante dos olhos toda a metamorfose dos pequenos animais até o surgimento das asas, das cores e os primeiros voos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *Geopônicas* expõem, com notável pertinência, o papel e a presença da literatura técnica agrária latina no período bizantino. Ao longo de 20 livros, o tratado reúne o conhecimento campesino antigo presente em autores diversos. O livro XV, que versa sobre a apicultura, e, em particular, a seção 2, dedicada à *bugonia*, serviram como uma demonstração da estrita ligação do tratado com a tradição técnica agrária latina, mormente a construída por Varrão e Virgílio. Os traços compositivos das *Geopônicas*, 15.2, apontam para um texto organizado para ser um conjunto de preceitos e de instruções concernentes ao cuidado com um colmeal e com as abelhas. A descrição da *bugonia* é particularmente importante para os textos da literatura técnica campesina: ela se faz presente em Varrão e Columela, mas é descrita em detalhes apenas nas *Geórgicas* de Virgílio e no tratado bizantino objeto do presente estudo. A relação entre as *Geopônicas* e a literatura técnica latina, no entanto, não se afigura como uma simples afilência temática, trata-se, antes, de uma filiação textual, terminológica e compositiva. Essa filiação oferece uma demonstração contundente de que formas e temas técnicos ainda estavam fortemente entrecruzados com formas e temas literários nos séculos IV e X.

## REFERÊNCIAS

- CANCIK, H. & SCHNEIDER, H. (Eds.) [BNP] *Brill's New Pauly: encyclopaedia of the Ancient World: Antiquity*. English Edition Christiane F. Salazar et al. Leiden-Boston: Brill, 2003-2010.  
 CASSIANUS. Γεωπόνικα: *agricultural pursuits*. Vol. II. Trans. by T. Owen. London, 1805.

- CASSIANUS. *Geoponica sive Cassiani Bassi Scholastici de re rustica eclogae*. Ed. Henricus Beckh. Stuttgart: Teubner, 1994.
- CATO & VARRO. *On Agriculture*. With transl. by H. D. Hooper e revised by H. B. Ash. Cambridge, Massachusetts: Loeb, 2006.
- COLUMELLA. *On Agriculture*. Vol. I, Books I-IV, Ed. with transl. H. Boyd Ash. Cambridge, Massachusetts: Loeb, 1941. Vol. II, Books V-IX, Ed. with transl. E. S. Forster, E. H. Heffner. Cambridge, Massachusetts: Loeb, 1954.
- DICTIONARY, *Oxford English*. [OED] CD-ROM, version 4.0.0.2, 2009.
- GOW, A. S. F. BOYTONIA in *Geoponica* XV.2. In *The Classical Review*. Vol. 58, nº 1, p. 14-15, 1944. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/classical-review/article/abs/boonia-in-geoponica-xv-2/9BD09290C2471397E736F39BC36C9078> Acesso em 23 jun. 2023.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Com a nova ortografia da Língua Portuguesa*. [Houaiss.] Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JONES, A. H. M.; MARTINDALE, J. R.; MORRIS, J. *The Prosopography of the Later Roman Empire*. [PLRE 1] Vol. 1, AD 260-395. Cambridge: University Press, 1971.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S. [LSJ] *A Greek-English Lexicon, with a revised supplement*. 9.ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- MUNIZ, L. Cenas de restauração: a grotesca imagem da bugonia nas *Geórgicas* 4.281-314. *Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, v. 7, nº 2, p. 17-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.br/index.php/ronai/article/view/28173/19899>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- MUNIZ, L. *A cenografia discursiva das Geórgicas*. 2017. 261p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- PAULY, A. F., G. WISSOWA et al. *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*. [RE] ‘Cassianus 10’ (Band III.2), ‘Florentinus 3 (Band VI.2)’, ‘Geoponica’, (Band VII.1). Stuttgart: A. Druckenmüller, 1910.
- PERUTELLI, A. ‘O texto como professor’. In CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. (orgs.). *O espaço literário da Roma antiga*, vol. 1. Trad. Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, p. 293-327.
- TREVIZAM, M. *Linguagem e interpretação na literatura agrária latina*. Tese de Doutorado/ IEL/Unicamp. Campinas, 2006.
- TREVIZAM, M. *Prosa técnica: Catão, Varrão, Vitrívio e Columela*. Coleção Bibliotheca Latina. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- VARRÃO. *Das Coisas do Campo*. Introdução, tradução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Editora Unicamp, 2012.
- VERGILIUS. *Bucolica et Georgica*. Eds. Silvia Ottaviano et Gian Biagio Conte. Teubner. Berlin: De Gruyter, 2011.
- VIRGIL. *Georgics*. Edited with a Commentary by R. A. B. MYNORS. Oxford: Clarendon Press, 1994.

Recebido: 1/7/2023

Aceito: 7/8/2023

Publicado: 25/9/2023